



Arte e identidade: colonização cultural e invenção do si  
- 1ª QUESTÃO -

Discutir a arte como Identidade é necessariamente abordar a Colonização cultural. A formação do "Ser Artístico", seja em nível de criança (artista) ou Propagação do Saber Artístico (Professor) Tem sua origem e base nas assimilações da cultura que lhe é apresentada durante esta formação. Embora todos tenham a capacidade de criar como algo diferente, somente a formação adquirida lhes confere uma identidade.

A arte no Brasil resulta de uma mescla de influências oriundas da Europa, e o artista nacional era um repetidor dos aprendizados chegados de fora, seja por mestres de outras nações ou quando podiam viajar e ter acesso a estes.

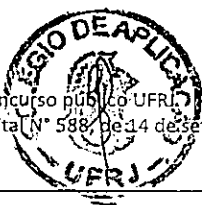
Durante anos a Identidade artística brasileira seguiu os modelos europeus, foco de disseminação artística pelo mundo. A repetição das técnicas, das cores e temas que não tinham nada em comum com o Brasil Colônia só assume uma Identidade a partir do Modernismo e da Semana de Arte Moderna, em 1922, com Tarsila do Amaral e suas cores vivas e retratos das cotidianas brasileiras, ou com os temas tenros de Helena Monteiro entre outros exemplos. Neste ponto, o artista brasileiro se reinventa, assumindo o papel de Senhor de Sua Arte.

No Mundo da Docência, o Professor de Artes também é influenciado por uma "colonização cultural" - no caso - da ditadura do que é permitido ou deve ser ensinado, através dos Parâmetros curriculares estipulados pelos



Arte e Identidade: colonização cultural... (cont.)  
- 1ª QUESTÃO -

governantes, o que restringe as suas possibilidades de ampliação de tempo de conhecimentos e de promover a "invenção de si" de cada aluno, já que em Padua a ser seguida e exigida. Somente a partir da autonomia criada por esse invenção é possível tanto para o docente quanto para o discente, e a sua identidade que pode ser afirmada.



2ª Questão

Debret, com suas aquarelas, retratava um Brasil "romantizado", "pra quinguer". Os escravos de Debret eram "armados" para contar a história de um Brasil que precisava ser conhecido, divulgado, habitado por outras culturas.

Hoje, a questão da etnia negra continua em foco, desta vez como um movimento de auto-reconhecimento e de aceitação da cor e origem, no Brasil e no Mundo. Mas, nem todas as propostas críticas são bem aceitas pela sociedade negra em questão. Recentemente uma artista plástica francesa retratou personalidades brasileiras da cor branca como negros (na chamada "Black Face") e se viu obrigada a cancelar sua exposição porque os negros brasileiros se sentiram ofendidos e desvalorizados pela artista branca, que ao contrário, intercalava colocá-los em seus padrões de raca, talvez até como uma crítica aos padrões sociais brasileiros, onde a maioria massiva de personalidades é branca (ou afins). Se por um lado a artista tentava fazer uma recatada, a sociedade negra se sentiu compelida a rechaçar tal "ajuda".

A necessidade de "Vender" um "Brasil bonito" para o exterior, através das obras de Debret, e, agora, da urgente necessidade de autoafirmação da cor negra não parecem de um perfil político universal em diversos segmentos da sociedade brasileira.



3ª QUESTÃO: A cultura dos Povos Originários...

Como um roteiro, todos os anos as escolas "trabalham o dia do Índio" numa preparação recorrente a cada ano. Faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais essa "interação" dos alunos com a cultura dos Povos originários. Isso não seria uma atividade maçante se saísse dos limites da confecção de "cascas de cartolina". Seria bastante produtiva se a estética do cotidiano indígena e a troca dos seus saberes fosse o principal argumento para o lazer artístico do aluno. A vivência além do narrado pelo professor, ou das pesquisas em livros ou digitalmente.

Em escolas nos quais os professores são obrigados a seguir os seus ditames, não importa o quanto estes invistam na sua formação ou tentem modificar as suas práticas pedagógicas, porque não será aceito. Tem que seguir a regra.